

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS: ESPAÇOS DE POSSIBILIDADES, POTENCIALIDADES E DIÁLOGOS

Célia Santana Silva

Doutora em História (UDESC). Professora de Estágio Supervisionado de Estágio em História, UNEB, campus XVIII

Andreia Cristina Freitas Barreto

Doutoranda em Educação (UFBA). Profa. de Prática Pedagógica e Estágio Supervisionado, UNEB/Campus XVIII

RESUMO: Esse texto busca refletir, a partir de experiências de estudantes de licenciaturas no Estágio Supervisionado em espaços formais e não formais, a potencialidade do Simpósio Temático 6, do V Simpósio de Integração de Ensino, Pesquisa e Extensão, realizado na UNEB/Campus XVIII, como espaço de diálogos e compartilhamento de saberes, acerca dessa vivência tão importante na formação do futuro professor. A partir de concepções de Estágio (PIMENTA; LIMA, 2011; JUNQUEIRA; MARIN, 2012; ZABALZA, 2014; SOUZA; FERREIRA, 2020), dentre outros estudos, os trabalhos apresentados partiram de situações de ensino e aprendizagens que contemplavam o Estágio como um momento de práxis. As experiências, debates e narrativas dos apresentadores/

as do Simpósio, conseguiram articular espaços de possibilidades, potencialidades e diálogos e contribuir para novos olhares e escutas sobre a formação de professores/as no campus XVIII.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Experiências. SINTEPE.

1 | INTRODUÇÃO

Considerando a importância do Estágio Supervisionado para os estudantes dos cursos de licenciaturas (BRASIL, 2008; PIMENTA; LIMA, 2011; ZABALZA, 2014; SOUZA; FERREIRA, 2020), esse texto visa refletir acerca das experiências de Estágio compartilhadas no Simpósio Temático (ST) 6, do V Simpósio de Integração de Ensino, Pesquisa e Extensão (V SINTEPE). Com o objetivo de congregar trabalhos que evidenciassem as diferentes experiências pedagógicas nos estágios supervisionados na Educação Básica e em espaços não escolares, tomou-se como base as dimensões do processo de ensino e aprendizagem nos diferentes espaços, desde o planejar, ao avaliar.

A relevância dessa reflexão se deve à oferta de dois cursos de Licenciatura no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT), campus XVIII, a saber, Licenciatura em Letras e Licenciatura em História, ambos, possuem os Estágios Supervisionados como “um ato educativo orientado e supervisionado” (Resolução, 2019. Artigo 2), mas não só. Os Estágios para os Cursos de Licenciatura se traduzem na preparação para prática para a docência, para a atuação profissional. Portanto, dialogar e trocar experiências acerca dos momentos desafiadores do curso, é salutar, pois, além de reafirmar esses momentos como possibilidades de pesquisa, são também espaços para avaliar suas experiências.

21 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO PESQUISA

O Estágio conforme define na Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008, no seu Art. 1º, consiste no ato educativo escolar supervisionado, com vistas à preparação para o trabalho produtivo de educandos cursando o ensino regular nas Instituições de Educação Superior (IES), de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008). Conforme consta no Art. 1º, parágrafo 2º, da referida lei, o Estágio é um momento importante para a vida do estudante de licenciatura, pois promove o aprendizado de competências da atividade profissional, além da contextualização curricular, com o objetivo de desenvolver o educando para a vida cidadã e para o trabalho (BRASIL, 2008).

Investigar situações de ensino/aprendizagem no Estágio Supervisionado, em espaço formal e não formal é um ponto fundamental para a compreensão do processo de construção de profissionalidade do licenciando. Conforme propõem Pimenta & Lima (2011, p. 45), é necessário trabalhar o estágio curricular como um momento de práxis, ou seja, “como atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade.”

Ou seja, a pesquisa no estágio, pode ser considerada como uma estratégia, um momento de formação para o/a futuro professor/a (PIMENTA; LIMA, 2011). Assim, a vivência no contexto, além de possibilitar a aproximação com o seu futuro campo de trabalho, a relação cotidiana com os/as alunos/as, a concepção acerca dos problemas encontrados, contribuem para o desenvolvimento da criticidade, a construção da identidade profissional dos estagiários e o desenvolvimento de saberes. Dessa forma, a pesquisa no estágio pode ser considerada:

Como método de formação de futuros professores, se traduz de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem posturas e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágios, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que

observam. Esse estágio pressupõe outra abordagem diante do conhecimento, que passe a considera-lo não mais como verdade capaz de explicar toda e qualquer situação observada, o que tem conduzido estagiários a dizer o que os professores devem fazer. Supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidos na nova postura investigativa (PIMENTA, LIMA, 2011, p. 46).

Observa-se que muitas vezes os licenciandos não são bem recebidos nas escolas, pela equipe diretiva e até mesmo pelos docentes, por conta de uma cultura existente que precisa ser desconstruída que os/as estagiários/as saem do ambiente escolar com críticas negativas sobre o trabalho docente. De acordo as autoras, o Estágio como pesquisa desconstrói essa concepção, uma que vez que, possibilita que o/a estagiário/a analise o contexto, conheça o processo histórico, e a partir de problematizações construídas nesse ambiente, desenvolva atitudes de pesquisador/a.

Cabe salientar que os projetos políticos dos Cursos de Licenciatura aqui analisados, também ocorrem nos espaços não escolares, ou não formais de educação. Para a análise desse texto, incorporamos a perspectiva de que o “fazer-se Professor” é entendido como um processo ao longo de toda vida, e não situado num dado momento ou lugar - universidade. Possibilita-nos pensar a incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se. Pensar a formação para ou sobre o professor, para pensar na relação junto com os professores, pois não podemos esquecer que o fazer-se dos professores e professoras se dá num processo relacional, ou seja, constrói-se na interação com os outros, isto é, com os professores universitários, os colegas de trabalho, os alunos, com os autores dos livros, com a comunidade escolar. De acordo com Junqueira & Marin (2012), “ao falar de possibilidades de aprendizados em diferentes espaços educativos, podemos salientar a diversidade de opções da construção do conhecimento durante a formação docente inicial e continuada. É possível salientar o museu como instituição que dentro de um contexto próprio, contempla inúmeros desafios da prática docente” (p. 03).

A proposta é que as experiências possam contribuir para que os professores se formem, se constituam enquanto professores ao desenvolver suas atividades educativas nos chamados espaços não formais de formação, ao ocuparem museus, casas de cultura, centros de memória e tantos outros e desenvolverem outras práticas formativas que os possibilitem tornarem-se sujeitos autores e atores de suas práticas, deixando de ficar à mercê do conhecimento que outros produzem, rompendo a dicotomia/produção/reprodução, ou produção/transmissão.

A proposta é que as possibilidades de estágios em diferentes espaços de produção cultural e guarda de memórias, propiciem e potencializem as relações entre os diferentes sujeitos, considerando que as experiências vividas devem servir como ponto de partida para a construção de novas práticas escolares. De acordo com Junqueira e Marin, “o cenário da formação inicial de professores é relativamente controverso em relação à possibilidade

de utilização dos espaços não formais durante a graduação. Para esses autores, em algumas universidades públicas, o professor da disciplina de Prática de Ensino ou afim tem autonomia para permitir que uma parte do estágio curricular aconteça em espaços não formais de ensino (Universidade de São Paulo, 2007 apud GARCIA et al., 2011), mas o mesmo não acontece facilmente nas universidades particulares.” (Junqueira & Marin, 2012, p. 07). Na perspectiva de Gadotti (2005, p. 02), a educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Pois para ele, a educação formal depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. Não podemos perder de vista que educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática e requer alguns critérios e condições.

Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”, precisam ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. Para Gadotti, (2005) toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não-formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade.

Vale salientar que a educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. Por isso, equivocadamente, muitos denominam essa modalidade de “educação informal”. São múltiplos os espaços da educação não-formal. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não-formal) temos as Organizações Não-Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, etc. Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços, o que é desafiador.

Dito isso, nosso objetivo foi conhecer e ouvir quais as experiências marcaram a trajetória desses estudantes e suas diversas atividades docentes e como tais experiências potencializaram seu processo de formação.

3 | EXPERIÊNCIAS NO ST 06

O V SINTEPE, realizado a cada 2 anos, na UNEB/Campus XVIII, localizado no município de Eunápolis, é um evento consolidado na região e no estado da Bahia, uma vez que efetiva de fato o tripé ensino, pesquisa e extensão. Em 2020, intitulado, *As matrizes*

Culturais na Bahia: o papel da universidade pública e da produção do conhecimento, diante do cenário pandêmico em que estamos imersos, as mesas redondas, apresentações de trabalhos e simpósios temáticos foram desenvolvidos através de plataforma virtual.

O ST 6, intitulado: Os Estágio em Espaços Formais e Não Formais: espaços de possibilidades, potencialidades e diálogos, objetivou reunir estudos empíricos e relatos que tomassem como material de reflexão as experiências desenvolvidas no “chão da escola” e em diferentes espaços, como projetos, programas de políticas públicas, material didático, recurso pedagógico, e/ou atividades sistematizadas do currículo de formação docente.

Destarte, as temáticas foram diversas, tais como:

- Relatos de Estágio Supervisionado: expectativa x realidade;
- A literatura infantojuvenil afro-brasileira no espaço escolar: experiências no Estágio Supervisionado;
- O Gênero Textual Meme como possibilidade de ensino-aprendizagem nas aulas de Estágio de Língua Portuguesa;
- Experiências do Projeto de Extensão: E como fica o planejamento, pós BNCC?

O trabalho intitulado, *Relatos de Estágio Supervisionado: expectativa x realidade*, teve como base as experiências dos licenciandos no Estágio Supervisionado III no curso de licenciatura em Letras, desenvolvido em uma escola pública do município de Eunápolis - BA, segundo as autoras, o trabalho objetivou apresentar o uso do gênero literário Conto, com suporte de recursos tecnológicos, como uma importante ferramenta para os desenvolvimentos de habilidades, como a oralidade, a partir das discussões promovidas a partir de cada conto, e também, o exercício e a prática da leitura, escrita e interpretação de texto. Os resultados mostraram as potencialidades desse gênero textual, de acordo as autoras, atingiram os objetivos do projeto desenvolvido no âmbito do Estágio, uma vez que os discentes conseguiram desenvolver capacidade cognitiva para interpretar texto, com coerência e coesão, e por fim demonstraram habilidades e o gosto pela leitura. Quando solicitamos que avaliassem a experiência, as autoras citaram que o momento da regência é bem diferente dos outros anteriores, em que observaram e contribuíram de forma mais sutil, no Estágio Supervisionado III foi possível aplicar o que aprenderam na teoria, e refletir sobre as práticas e permitiu uma aproximação maior da realidade de uma sala de aula como futuros professores de Língua Portuguesa. E que apesar de terem identificado algumas dificuldades que os professores passam ao lecionar, nada disso fez com o amor pela profissão diminuisse, pelo contrário, aumentou o desejo em querer contribuir para um mundo melhor.

A pesquisa sobre *A literatura infantojuvenil afro-brasileira no espaço escolar: experiências no Estágio Supervisionado* apresentou considerações sobre as vivências decorrente Estágio Supervisionado III, do curso de Licenciatura em Letras. As autoras salientaram que em decorrência de estarem no mês da Consciência Negra, a data é

comemorada no dia 20 de novembro em todo território nacional, elaboraram o projeto *Lembranças do Baobá*, com o objetivo de auxiliar na construção da identidade individual e social do aluno, na discussão da oralidade, na formação de um sujeito histórico, crítico, reflexivo, consciente de seu papel como cidadão, comprometido com o respeito às diferenças. Após exploração de obras literárias acerca do tema, concluíram com uma oficina de contação de histórias e confecção de *Bonecas Abayomi*. De acordo as estagiárias, a inserção do livro de literatura nas aulas de gramática, aproximou os alunos em participar com interesse e entusiasmo de todos os momentos trabalhados em sala e fora dela. Sobre a avaliação desse momento, as autoras salientaram que as vivências que tiveram, trouxeram bons resultados porque foi o momento em que compreenderam o cotidiano de um ambiente escolar com mais profundidade, em razão de entender sobre os processos de ensino-aprendizagem de cada indivíduo pertencente à turma, mostraram que também encontraram alguns percalços na caminhada, mas que serviram para fortalecê-las na caminhada.

Outro estudo relevante e super atual, foi sobre *O gênero textual “Meme” como possibilidade de ensino-aprendizagem nas aulas de Estágio de Língua Portuguesa*. Os autores apresentaram relatos de experiências constituídas em sala de aula, durante o período de Estágio em espaço formal, desenvolvido no curso de licenciatura em Letras, como estagiários-regentes do 8º ano da Educação Básica, em uma escola pública da cidade de Eunápolis- Ba. E que teve como objetivo central a utilização do gênero textual *meme* como estratégia metodológica no ensino de línguas. Os autores refletiram sobre o atual contexto tecnológico e digital, e elucidaram que para isso ocorrer na sala de aula, foi necessário entender sobre as novas demandas educacionais que reconhece o uso das novas maneiras de percepção da linguagem no mundo globalizado. Sobre a avaliação desse momento para a formação, os estagiários disseram que perceberam o quanto à sala de aula é desafiadora, pois precisa de uma troca de conhecimento diária, em que não somente os alunos aprendem, mas eles, enquanto estagiários também aprenderam, e que puderam sentir que aquele momento, seria a construção de uma identidade docente. Perceberam que os alunos não são sujeitos uniformes, que possuem diferenças e particularidades, e que precisavam promover uma aula que fosse proveitosa a todos. Explicaram que a professora regente esteve presente em todos os dias em que estagiaram, dando suporte e liberdade acerca de algumas atividades que quiseram trabalhar com eles. Isso nos motivou e nos deu a possibilidade de pensar no nosso fazer docente, nos nossos planejamentos, no que queríamos levar para a sala de aula, até mesmo no que devemos melhorar para ir a esse espaço, visto que, o professor aprende todos os dias. Ser professor é carregar bagagens e decide quais delas deve usar na sala de aula.

E por falar em contribuições atuais, a apresentação das experiências do Projeto de Extensão: E como fica o planejamento, pós BNCC? Foi valiosíssima! Tendo como público-alvo, alunos da graduação e professores/as da Educação Básica do município de Eunápolis

e cidades circunvizinhas, através de encontros modulares, quinzenais, através de oficinas, minicursos e palestras, objetivou discutir a nova proposta de planejamento proposto pela BNCC, seus impactos, críticas e desafios na prática e no protagonismo docente. Os autores mostraram a importância do Projeto de Extensão para a comunidade, os professores se sentiam feliz em estar no ambiente universitário e discutir sobre temáticas atuais e relevantes para o desenvolvimento do seu trabalho.

Todos/as os/as estagiários/as mostraram que vivenciaram bons momentos ao longo do estágio, mas que também tiveram situações difíceis. A subversão dessas dificuldades, ao longo do estágio, é considerado normal e fazem com que os mesmos busquem alternativas para que a maioria se envolva nas atividades propostas, que seja; por meio de debates, curtas metragens, músicas, teatro e poemas, dentre outros, uma vez que entendemos que é necessário estimular esse futuro professor a uma prática de emancipação profissional.

Percebemos a possibilidade de ações que podemos desenvolver no decorrer da unidade, e como sair da zona de conforto e buscar trazer algo novo faz toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem. Assim, concluímos que o estágio é o momento mais importante para nós enquanto graduando, pesquisador e professor, porque por meio desse contato, vimos o quanto à teoria, muitas vezes não abrange a prática, mas que também, não pode ser dissociada das nossas vivências.

Tais apresentações possibilitaram que algumas considerações fossem tiradas: A importância dos Estágios para a reflexão e pesquisa dos licenciandos; O diálogo enriquecedor entre os Cursos de Letras e História; Os Estágios devem ser entendidos como atividade prática dinâmica e por isso mesmo, potencialmente lugares para mudanças, reflexões e possibilidades. E também de contradições.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, vale destacar que os Estágios promovem debates e discussões acerca da “relação trabalho-escola, teoria –prática, e eles podem representar, em certa medida, o elo de articulação orgânica com a própria realidade” (Kulcsar, 1991. p. 58). Os estudos empíricos e relatos que foram apresentados pelos inscritos, possibilitaram fazer reflexões e ampliar olhares sobre as potencialidades das experiências desenvolvidas tanto no “chão da escola” quanto nos diferentes espaços.

É possível perceber que através dos projetos extensão, programas de políticas públicas, material didático, recurso pedagógico, os estudantes dos cursos de Licenciatura da Universidade do Estado da Bahia, campus XVIII, conseguem vivenciar o processo de ensino e aprendizagem de forma ampla e consistente, pois são essas atividades, possíveis a partir do processo de formação docente, compreendido como lugar de reflexão das ações, do diálogo entre o saber e o conhecer e experienciar.

Portanto, as experiências, debates e narrativas dos apresentadores/as do Simpósio

6, conseguiram articular espaços de possibilidades, potencialidades e diálogos e contribuir para novos olhares e escutas sobre a formação de professores no campus XVIII.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.788. **Dispõe sobre o estágio dos estudantes.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

FONTANELLA, Fernando. O que vem de baixo nos atinge: intertextualidade, e conhecimento e prazer na cultura digital trash. Trabalho apresentado no IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. **INSTITUTO INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?** Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.

GADOTTI, Moacir; Paulo Roberto Padilha; Alicia Cabezudo. **Cidade educadora: princípios e experiências.** São Paulo: Cortez, 2005.

GARCIA, Valéria Aroeira. Educação Não-formal: do histórico ao trabalho local. In: Park, Margareth Brandini. **Formação de educadores: memória, patrimônio e meio-ambiente.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** São Paulo, Cortez, 1999.

KULCSAR, Rosa. O Estágio Supervisionado como atividade integradora. In: **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** FAZENDA, Ivani Catarina A. (et al). PICONEZ, Stela C. B. (coord.) Campinas, Papirus. São Paulo, 1991.

SOUZA, E. M. F. FERREIRA, L. G. Ensino Remoto Emergencial e o Estágio Supervisionado nos cursos de licenciatura no cenário da pandemia COVID 19. **Rev. Tempos Espaços Educ.** v.13, n. 32, e-14290, jan./dez.2020. p. 1-20. Doi: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v13i32.14290>.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2011.

MORAES, Gisele Lima de. **Estágio nas licenciaturas: projetos de leitura/** Gisele Lima de Moraes.- Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2012.

ZABALZA, Miguel. A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária.** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.